

# Alteridade, literatura e saúde: uma abordagem interdisciplinar

*Juliana Guerra<sup>1</sup>*

## RESUMO

A inserção da literatura nos estudos interdisciplinares da saúde amplia a compreensão acerca do processo de adoecimento, contribuindo para uma visão expandida da condição humana e do papel do profissional de saúde. Uma das diretrizes curriculares para o Ensino da Saúde traz o ensino das humanidades, entre elas a literatura como forma de superar o modelo biomédico, justificando que a leitura literária fortalece a compaixão, com o olhar para a alteridade. A relação entre literatura e saúde é fundamental para estabelecer um diálogo significativo entre as áreas, envolvendo um atravessamento de significados, narrativas e experiências, que reconhece a linguagem como uma valiosa ferramenta terapêutica. Diante do exposto, a Faculdade Pernambucana de Saúde oferece, desde 2023, módulo de Literatura para seus estudantes, apresentado aqui como um relato de caso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alteridade; Comunicação; Formação acadêmica; Literatura. Saúde.

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia pela UFPE. Docente da Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, Pernambuco, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2387-1362>. E-mail: [juliana.guerra@fps.edu.br](mailto:juliana.guerra@fps.edu.br).

*Otherness, literature and health: an interdisciplinary approach*

**ABSTRACT**

The inclusion of literature in interdisciplinary health studies broadens the understanding of the illness process, contributing to a broader view of the human condition and the role of the health professional. One of the curricular guidelines for Health Teaching brings the teaching of humanities, including literature as a way of overcoming the biomedical model, justifying that literary reading strengthens compassion, with an eye on otherness. The relationship between literature and health is fundamental to establishing a meaningful dialogue between the areas, involving a crossing of meanings, narratives and experiences, which recognizes language as a valuable therapeutic tool. In view of the above, the Faculdade Pernambucana de Saúde has been offering, since 2023, a Literature module for its students, presented here as a case report.

**KEYWORDS:** Academic training; Communication; Health; Literature; Otherness.

*Alteridad, literatura y salud: un enfoque interdisciplinario*

**RESUMEN**

La inclusión de literatura en estudios interdisciplinarios de salud aumenta la comprensión del proceso de enfermedad, contribuyendo a una visión más amplia de la condición humana y el papel del profesional de la salud. Una de las directrices curriculares de la Enseñanza de la Salud trae la enseñanza de las humanidades, incluida la literatura, como forma de superación del modelo biomédico, justificando que la lectura literaria fortalece la compasión, con la mirada puesta en la alteridad. La relación entre literatura y salud es fundamental para establecer un diálogo significativo entre las áreas, que implique un cruce de significados, narrativas y experiencias, que reconozca el lenguaje como una valiosa herramienta terapéutica. En vista de lo anterior, la Facultad Pernambucana de Saúde ofrece, desde 2023, un módulo de Literatura para sus estudiantes, presentado aquí como relato de caso.

**PALABRAS CLAVE:** Alteridad; Comunicación; Formación académica; Literatura; Salud.

\* \* \*

## Introdução

Compreender a literatura e seus aspectos éticos e estéticos a partir da relação com os estudos interdisciplinares, como a formação em saúde, pode abrir novas possibilidades de olhar a experiência humana no decorrer da evolução da sociedade. Como instrumento de comunicação e de interação social, a literatura desempenha o papel de transmitir os conhecimentos e a cultura de uma comunidade. A relação entre literatura e saúde é fundamental para estabelecer um diálogo significativo entre essas áreas, envolvendo um atravessamento de significados, narrativas e experiências, que reconhecem a linguagem como uma valiosa ferramenta terapêutica (Carelli, 2020).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o ensino de saúde, responsáveis pelos princípios, pelos fundamentos e pelas finalidades dos sistemas de ensino superior, visam à formação integral do profissional, com o trabalho baseado na interdisciplinaridade e nas metodologias ativas. É esperado que o egresso tenha capacidade de reflexão sobre a própria prática, considerando a pluralidade do ser humano em seus diagnósticos, com postura crítica, reflexiva, humanista e ética (Brasil, 2014). Uma das diretrizes traz o ensino das humanidades, entre elas a literatura como forma de superar o modelo biomédico, justificando que a leitura literária fortalece a compaixão, com o olhar para a alteridade. Parte-se de um currículo organizado por metodologias ativas de ensino-aprendizagem. A realidade a ser trabalhada pelo estudante de saúde é complexa, exigindo um pensamento abrangente, multidisciplinar e interdisciplinar (Peduzzi et al., 2013).

Ao analisar os efeitos da literatura na formação de leitores mais empáticos, um recente estudo aponta que a identificação com personagens da literatura impacta nas interações cotidianas. Isso ocorre pela capacidade da literatura de nos transportar para dentro da história e da mente dos personagens. É possível aprender sobre as emoções ao explorar a vida interior de personagens fictícios, transferindo essas experiências para a vida real

(Denham, 2024). O desenvolvimento de muitas habilidades na saúde essenciais para o estudante, tendo na literatura um caminho para repensar a prática, como a boa comunicação com o paciente, a transmissão de uma má notícia e o reconhecimento das emoções transferidas pelo doente, pode ser aprimorado pelo advento de obras literárias (Carelli, 2020). Cada paciente é dotado de uma complexidade própria que ultrapassa os limites da matéria, e se expressa através de desejos e sentimentos.

As ciências da saúde, dedicadas ao estudo do corpo humano, têm investido em novos métodos de expansão do conhecimento a partir de uma visão mais humanística das ciências nas últimas décadas (Scliar, 2004), que contemple a subjetividade do indivíduo. Expandir vivências em humanidades em prol de quem cuida do outro nas áreas da saúde é fundamental ao desenvolvimento de cada um enquanto ser humano, e é um diferencial que possibilita uma ampliação do “ser e estar no mundo” (Heidegger, 2009).

Por isso, refletir sobre o papel da linguagem e da narrativa relacionado às questões de saúde e de doença nos ajuda a lidar com a condição humana, a dor, a doença, a morte, bem como a figura do profissional de saúde enquanto sujeito ativo capaz de ouvir, propor e guiar as condutas ao doente. Essa importante relação tem sido tema de estudos e obras literárias no intuito de melhor entender o processo de adoecimento na sociedade. A literatura pode fortalecer a compaixão, com o olhar para a alteridade e para a empatia (Candido, 2023; Denham, 2024; Scliar, 2004).

Tendo como propósito explorar a intersecção entre alteridade, literatura e saúde na formação acadêmica, foi iniciado em 2023 na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), no Recife, um módulo optativo de literatura oferecido semestralmente aos estudantes de saúde daquela instituição. Cada módulo, com duração de 40 horas por semestre, aborda questões dessa tríade em contextos diversos. Tais características podem contribuir na formação de um futuro profissional de saúde para que ele possa melhor ouvir e compreender a história contada pelo paciente, ajudando-o a entender o que ele expressa, muitas vezes, de forma confusa ou segmentada (Carelli, 2020).

Como forma de conhecimento, a literatura é um direito humano fundamental e um dos instrumentos de instrução, educação e formação, não podendo, portanto, ser negado o acesso a ela (Candido, 2023). De acordo com o crítico, isso explica a razão pela qual em países onde a educação atinge níveis de qualidade social superiores ao do Brasil, a base de seu sistema educacional sempre foi a de humanidades. Daí, a conexão entre a formação humana, o humanismo, as ciências humanas e o estudo da língua e da literatura. O módulo de literatura da FPS se estrutura a partir da proposta de compreender a literatura a fim de abrir novas possibilidades de olhar a experiência humana sob a perspectiva do conceito de alteridade e sua relevância para a prática de saúde.

Primeiramente, trataremos da alteridade, levando em conta ainda a relação com a literatura na formação do leitor. Em seguida, será abordada a conexão entre cultura e experiência nas narrativas de saúde. O debate se amplia para a práxis a partir do estudo de caso do módulo de literatura para estudantes de saúde, e jogará luz para a importância da mediação na formação acadêmica interdisciplinar.

### **Alteridade, literatura e saúde**

Diante do surgimento da saúde pública, que se estabelece como campo científico ao longo do século XX, o enfoque biomédico entra em tensão com perspectivas sociopolíticas e ambientais, também consideradas no processo do adoecimento. É possível observar nesse período o aparecimento de alguns paradigmas explicativos para o processo saúde-doença baseados no conceito ampliado de saúde, como resultado de dimensões que vão além do biológico, incluindo o econômico, cultural, social, dentre outros (Batistela, 2007).

A interdisciplinaridade surge em resposta à complexidade do mundo atual, com o objetivo de superar a visão fragmentada do objeto de estudo imposta pelos currículos utilizados na maior parte das universidades. Ela aprofunda a compreensão da relação entre a teoria e a prática, e a construção do conhecimento pelo indivíduo a partir da própria realidade (Frigotto, 2011). “A interdisciplinaridade é um processo metodológico de construção do

conhecimento pelo sujeito com base em sua relação com o contexto, e com a realidade, com sua cultura” (Freire, 2001, p.135). Os projetos curriculares integrados em saúde fazem parte dessa estratégia da interdisciplinaridade mais voltada às práticas humanitárias.

Uma das orientações das DCNs para o ensino da saúde traz o ensino das humanidades para auxiliar na reflexão sobre a própria prática, com postura reflexiva e ética (Brasil, 2014). É esperado que o futuro profissional da área considere o sujeito em sua pluralidade. A vulnerabilidade do ser humano quando adoece é percebida no cotidiano dos serviços públicos. A pouca capacidade demonstrada pelos profissionais de saúde para compreender as demandas dos usuários e a falta de espaço nos hospitais atraíram a atenção para questões relacionadas ao que se convencionou chamar desumanização em saúde, e resultou em várias ações que culminaram com a instituição da Política Nacional de Humanização do Ministério da Saúde, o Humaniza SUS, importante para o debate aqui proposto (Ministério da Saúde, 2011).

Os sinais da desumanização ainda tão presentes no cuidado à saúde da população brasileira usuária do Sistema Único de Saúde (SUS) – filas, descaso com as pessoas, incapacidade de lidar com o sofrimento, discriminação, racismo, procedimentos desnecessários, exclusão e abandono – refletem quão importantes esses questionamentos têm se mostrado em relação ao Humaniza SUS (Pasche, 2010). A efetividade de qualquer programa de humanização dependerá dos atores que atuam no cuidado aos usuários dos sistemas de saúde, ou seja, dos profissionais da área de saúde. Desta forma, é essencial investir na formação acadêmica com a inclusão de ensino de artes em geral.

No cenário aqui descrito, a interdisciplinaridade se apresenta como a possibilidade para uma nova postura, visto que o aprofundamento dos conhecimentos científicos e os avanços técnicos não são suficientes para satisfazer a amplitude de possibilidades que a área da saúde necessita (Gomes, Deslandes, 2004). Partindo desse princípio, a literatura pode estimular o estudante da saúde na criatividade, ampliando sua imaginação,

além de aperfeiçoar o pensamento crítico e construir um vocabulário flexível de acordo com as diversas classes sociais (Carelli, 2016). Tais características podem contribuir na formação de um futuro profissional de saúde para que possa ouvir de forma a compreender a história contada pelo paciente. Assim, entender que a literatura e a saúde possuem importante relação é fundamental. Ambas lidam com a palavra, que é um instrumento terapêutico; e no caso da literatura, um instrumento de criação estética, em que paralelos podem ser estabelecidos entre esses diferentes usos da palavra (Carelli, 2016).

Para Ortega y Gasset (2021), não é possível que um objeto estético que esteja desvinculado da vida das pessoas seja entendido como artefato de pura criação artística. Isto quer dizer que, para a maioria, o prazer estético do qual a arte se ocupa é o mesmo do que na existência cotidiana, com toda a sua potência: figuras e paixões humanas. “A arte é reflexo da vida; é a natureza vista através de um temperamento; é a representação do humano” (Ortega y Gasset, 2021, p, 33). Ademais, a literatura atua na formação intelectual e promove a humanização do ser humano.

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (Candido, 2023, p. 198).

No atendimento à saúde, a alteridade é um valor fundamental que permite a criação de laços com base no diálogo intercultural, empático e compassivo, estando relacionado com a capacidade de perceber o Outro como uma pessoa singular e subjetiva, reconhecendo e respeitando as diferenças. A partir da mediação entre linguagem e alteridade, a leitura reflexiva como um instrumento de conexão transcende o texto ao aproximar possíveis diálogos para a compreensão de sentidos e significados, como um meio de unir o leitor e o Outro (Ricoeur, 1991; Sartre, 2008, 2019). Por ser um “ser em relação”, o

homem tem um corpo mergulhado no mundo, pois é no encontro com os Outros que a identidade do Eu é construída.

A presença do Outro é uma possibilidade de reconhecimento, pois o sujeito se configura como o Outro o vê (Sartre, 2008). Mas, apesar de o homem sartriano construir a sua identidade nas relações com os outros, o sentido da sua existência se estabelece solitariamente, pois a direção que atribui a sua vida é dada pela sua consciência e pelo exercício da própria liberdade. A liberdade traz, assim, um sofrimento constante ao Eu, refletindo sobre como a interação com o Outro molda sua identidade.

Sartre (2019) vai encontrar na literatura um livre desvendamento do sentido de mundo por meio de um objeto imaginário, em que ocorre a constituição da subjetividade e afirmação da liberdade, pois a formação humana não se separa da dimensão do imaginário. A literatura é um momento de linguagem e de ação, a arte pela qual as palavras se organizam em liberdade a fim de dar significado ao mundo (Sartre, 2019). Para o filósofo, cada palavra escrita reflete a relação entre a consciência e o mundo. Nessa dinâmica entre criador e obra, o leitor desempenha um papel crucial, pois seu olhar é fundamental para a formação do objeto literário.

Ao analisar a constituição da identidade por meio da teoria narrativa, Paul Ricoeur (1991) propõe que a literatura sirva como um laboratório ético. Trata-se de um espaço para explorar relações entre o si-mesmo e o Outro, não existindo, portanto, narrativa neutra. Nesse contexto, a narrativa se torna um meio para a construção de identidades, onde o si-mesmo é considerado como um Outro. A busca por uma identidade pessoal é, portanto, uma experiência dialética que envolve a reflexão sobre a diferença e a Outridade.

Ao abordar a leitura como um contato cultural, a partir da alteridade, a mera apreciação estética de um texto é superada. A expansão do conceito estético inclui dimensões culturais, psicológicas, de alteridade e de diversidade. Dessa forma, a leitura se transforma em uma autêntica experiência de conexão com o Outro (Ricoeur, 1991). Este movimento é fundamental para o desenvolvimento do humano, podendo ser uma pista na busca pela compreensão de como o ser se

coloca no mundo. Como mecanismo de aproximação com o Outro, a leitura funciona na medida em que o leitor/aluno transita entre o texto e sua interpretação e se percebe como residente em cada um dos textos. As alteridades encontram na literatura um espaço epistemológico de afirmação onde é possível a expressão de minorias, tornando-se uma práxis de resistência, como acontece com a literatura feminista, negra e/ou indígena.

Ao permitir o mergulho em diferentes perspectivas e realidades, os livros ampliam nossa compreensão do Outro. Através das narrativas, é possível sentir e vivenciar experiências alheias, o que enriquece as relações interpessoais. Um estudo desenvolvido por Mar (2011) revela que quanto mais ficção as pessoas leem, melhor elas identificam as emoções imaginadas. Pesquisa realizada nos Estados Unidos revelou que metáforas envolvendo textura, como “O cantor tinha uma voz de veludo”, acionavam nos leitores o córtex sensorial, responsável por perceber a textura pelo toque — o que não acontecia quando eles ouviam frases literais, como “O cantor tem uma voz agradável” (Lacey et al., 2012).

Ainda sobre os impactos do ato de ler na imaginação, a ficção simula uma espécie de mundo social que provoca compreensão e empatia no leitor. É durante a leitura que o leitor se abre para a experiência. Ademais, ler por prazer foi reconhecido como um catalisador para vários resultados positivos na vida, estabelecendo uma conexão entre ler por prazer e níveis elevados de empatia (Djikic et al., 2013). A literatura, como forma de construção de conhecimento, humaniza um processo hermenêutico, pois alguns aspectos formais do texto carregam informações importantes do universo narrativo (Carelli, 2016; Heidegger, 2009).

Além disso, possibilita a mediação a fim de ampliar o seu potencial de manifestar como forma de conhecimento “as emoções e a visão do mundo, dos indivíduos e dos grupos” (Candido, 2023, p. 189). Esse processo de humanização relaciona-se ao papel tradicional da literatura a um instrumento importante de educação. Trata-se de um instrumento intelectual e afetivo que nos possibilita viver dialeticamente os valores, ainda que na forma de ficção.

Ao ler – ou criar – um texto, o leitor/autor não apenas se põe em contato com um tipo de realidade “dada”; ele configura – ou reconfigura – essa realidade, (re) ordenando-a e, assim, atribuindo-lhe um sentido (Carelli, 2016). Em todo o mundo, o ensino das humanidades tem sido adotado como um recurso para a formação humanística dos estudantes da área de saúde. Assim, disciplinas como história, filosofia e literatura têm sido incorporadas aos currículos das escolas de graduação da área de saúde, tendência que se inicia em nosso país.

### **Um acontecimento literário na graduação em saúde**

No início de 2023, a Faculdade Pernambucana de Saúde, em Recife, lançou um módulo optativo de literatura, oferecido semestralmente aos estudantes da área de saúde. Com o uso de metodologia ativa, que incentiva o protagonismo dos alunos, o objetivo desse módulo é refletir sobre como as narrativas literárias nos ajudam a lidar com a dimensão humana, incluindo a finitude, durante o processo de adoecer e morrer na sociedade contemporânea. Paulo Freire (2001) defende que a educação deve promover cidadãos críticos, atuantes e criativos. Para isso, não é a mera recepção de conhecimentos que irá promover o desenvolvimento de habilidades, mas a ação, a problematização promovida em sala de aula.

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido. [...] É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da *compreensão*. Da compreensão e da comunicação (Freire, 2001a, p.269).

A partir da literatura, exploramos narrativas que interseccionam raça, classe e gênero, além das construções subjetivas – tanto ficcionais quanto não ficcionais – e suas relações com a doença. O curso consiste em vinte encontros

semestrais, cada um com duas horas de duração, contando com uma média de dez alunos por semestre. Nas aulas, são identificadas diversas formas de narrativas e como elas são construídas. Os alunos exploram as possíveis conexões entre a narrativa literária e o processo saúde-doença, destacando a alteridade nas narrativas e sua relevância para uma prática de saúde culturalmente competente. Ao final de cada semestre, eles são incentivados a produzir uma escrita livre.

A literatura tem abordado a tematização de doenças, tanto no plano realista quanto simbólico, por séculos. Obras que tratam de doença, sofrimento, morte e luto são cruciais para nos reconectar com temas fundamentais da experiência humana. A linguagem literária nos oferece acesso a esses aspectos, promovendo uma aproximação com a alteridade, que é essencial à psique humana e inter-relação entre profissional de saúde e paciente. Thomas Mann, Virgínia Woolf e Leon Tolstoi, por exemplo, foram alguns dos escritores consagrados que tornaram o adoecimento um acontecimento literário. “[...] quando pensamos em tudo isso e infinitamente mais, como com tanta frequência somos forçados a fazê-lo, parece realmente estranho que a doença não tenha encontrado o seu lugar, junto com o amor, o ciúme e a batalha, entre os temas primais da literatura” (Woolf, 2021, p.15).

A tuberculose é uma das doenças mais exploradas na ficção, destacando-se em *A Montanha Mágica* (2016), de Thomas Mann. O romance apresenta Hans Castorp, que visita seu primo Joachim em um sanatório nos Alpes Suíços para tratamento da tuberculose. Com o tempo, Castorp apresenta sintomas da doença e prolonga sua estadia. Durante esse período, ele se desvincula do tempo, da carreira e da família, sendo atraído pela introspecção e pela morte. A obra sugere que a única maneira de lidar com a morte é entendê-la como parte da vida, em vez de tratá-la como algo separado. Susan Sontag (2007, p. 33) observa que a doença está intimamente ligada ao Romantismo, sendo glamourizada como “a doença do artista”, caracterizada por uma personalidade melancólica e criativa.

Ao abordar doenças e pandemias, a literatura oferece uma rica visão sobre como a humanidade enfrenta crises de saúde ao longo do tempo,

refletindo os medos, as respostas sociais e as mudanças culturais geradas por essas situações. Textos que frequentemente refletem os medos, as respostas sociais e as mudanças culturais provocadas por essas crises, além de trazer lições valiosas sobre resiliência, solidariedade e a capacidade humana de enfrentar adversidades. *A Peste* (2017), de Albert Camus, voltou a ganhar destaque durante a pandemia de Covid-19. Publicado originalmente em 1947, o romance transforma a cidade argelina de Orã, assolada pela peste, em uma alegoria da ocupação nazista na Europa.

Em *A Dança da Morte* (2013), Stephen King apresenta um mundo pós-apocalíptico em que um grupo de sobreviventes enfrenta as consequências de uma supergripe que dizimou 99% da população. *A Morte de Ivan Ilitch* (2009), de Liev Tolstói, proporciona uma reflexão sobre o significado de doenças prolongadas, à medida que o protagonista avalia seus relacionamentos e confronta a fragilidade da existência humana.

No módulo de literatura, buscamos compreender os significados do processo de adoecimento a partir das vozes dos sujeitos da doença (paciente) na obra ficcional. As narrativas destacam como essa experiência pode contribuir para a melhoria da prática clínica. A apropriação das doenças pelos livros transforma a arte de narrar em um meio de disseminação das representações das enfermidades, atingindo planos metafísicos e abstratos.

Nos encontros, foram explorados também princípios fundamentais da literatura decolonial<sup>2</sup>, como a valorização dos saberes locais e a resistência ao colonialismo. Discutimos como esses princípios podem informar práticas de saúde mais justas e equitativas dentro do SUS. A seguir, alguns alunos do módulo compartilham suas experiências no módulo. Foram entrevistados alunos de cursos e períodos diferentes<sup>3</sup>. A saber:

---

<sup>2</sup> Segundo Walter Mignolo, o modelo decolonial foi fundado no momento em que a opressão aos povos tradicionais se iniciou, pois dentro dessa opressão, existiam os modos de fazê-la cessar. Evidenciar esses modos adveio quando a energia da decolonialidade se manifestou nos povos latino-americanos que “não se deixaram manejar pela lógica da modernidade, nem creram nos contos de fadas da retórica da modernidade” (Mignolo, 2007, p.27)

<sup>3</sup> Os nomes foram trocados para nome de flores.

Achei bastante enriquecedora a minha experiência, principalmente por abordar algo que não é muito comum durante um curso de saúde, que é a parte de literatura. [...] o que mais gostei foi a liberdade de se expressar durante as aulas...de interpretar poemas e citações deixou todos os alunos livres para falar de forma subjetiva o que sentiram lendo o que tinha sido trazido pela professora (Cravo, 4º período de psicologia).

[...] toda essa troca entre meus colegas foi o que mais me enriqueceu. [...] Senti que durante o módulo houve um resgate daquela antiga leitora e apreciadora da literatura que existia em mim no passado. Penso que a literatura pode me ajudar tanto na minha construção como médica em si, quanto na obtenção de repertório em diversas áreas (Rosa, 22 anos, 6º período de Medicina).

Minha experiência no módulo de literatura foi muito especial e importante, nele aprendi sobre humanidade, criatividade, e também sobre livros e autores incríveis. Gostei bastante dos momentos da roda de conversas, onde discutíamos e fazíamos leituras de diversos assuntos, acho bem interessante que durante todo o módulo todos participavam ativamente [...] muita interação e com certeza na minha futura vida profissional levarei ensinamentos valiosos que o módulo me trouxe sobre humanidade e criatividade de tornar o cotidiano profissional ainda mais prazeroso (Tulipa, 23 anos, 6º período fisioterapia).

[...] ter aulas de literatura durante minha graduação foi muito enriquecedora em muitos aspectos da minha vida. No aspecto pessoal foi ótimo, pois pude aprofundar meu conhecimento pela literatura, algo que adoro, e vivenciar momentos de roda de leitura e aprendizado sobre diversos períodos literários e temas com outros estudantes de áreas diferentes da saúde. [...] Do ponto

de vista da prática profissional, pude relacionar a literatura com a minha área de estudo. Além de aprender um pouco da história da saúde a partir das leituras. É possível criar um entendimento maior sobre realidades diferentes da minha, o que é imprescindível para uma boa prática de profissionais de saúde. Só posso agradecer por essa oportunidade maravilhosa (Amarilis, 8º período Fisioterapia, 24 anos).

Os alunos analisaram também, nos trechos de textos literários, as representações de saúde e doença, e como elas desafiam ou subvertem narrativas dominantes. As temáticas de saúde e alteridade eram discutidasativamente, a partir de leituras e roda de conversa, nas obras de escritores/as indígenas, afrodescendentes e/ou de outras minorias. Eles compartilharam as próprias experiências e perspectivas sobre como os temas podem influenciar suas práticas futuras de saúde. Foram feitas também leituras coletivas de obras de escritores brasileiros como Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Airton Krenak, entre outros, destacando características de cada autor (a). Em seguida, os textos literários, que eram divididos por temas, eram analisados e interpretados.

Para falar sobre racismo e gênero, por exemplo, os estudantes se guiaram por meio da análise dos textos de Conceição Evaristo e Grada Kilomba. A fim de tratar de literatura indígena, realizamos leituras de Airton Krenak, Eliana Potiguara e Geni Nunes. Para falar de literatura brasileira, Machado de Assis, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto, abordando o regionalismo contextual, mas colocando-os em um patamar de universalidade pelas características literárias. Abordamos ainda a literatura contemporânea africana, e sul-americana. Os movimentos literários e seus principais representantes, como romantismo, simbolismo e modernismo, também foram discutidos e contextualizados nos encontros.

## Considerações finais

O módulo de literatura da FPS tem provocado uma importante reflexão sobre como os conceitos de alteridade e literatura podem informar e enriquecer a prática de saúde dos estudantes. Durante essas atividades, os estudantes compartilharam suas próprias interpretações e *insights*, enriquecendo assim a discussão coletiva. Foram incentivados a explorar as diversas perspectivas presentes nos textos e a refletir sobre como essas narrativas desafiam ou subvertem normas dominantes.

A partir das reflexões pessoais sobre as próprias identidades, privilégios e preconceitos, reconhecendo como esses fatores podem influenciar suas interações com pacientes de diferentes origens culturais, eles foram incentivados a examinar criticamente suas próprias atitudes e crenças em relação à alteridade e à diversidade cultural, e a considerar como podem desenvolver uma maior sensibilidade e consciência cultural em sua prática futura de saúde.

A experiência proporcionou ainda aos acadêmicos uma compreensão mais profunda de como a alteridade e a literatura podem enriquecer suas práticas de saúde, capacitando-os a oferecer cuidados mais culturalmente sensíveis e socialmente justos em uma variedade de contextos. A escrita tem um poder transformador de vivenciar experiências, entender emoções e refletir sobre questões profundas de adoecimento, sofrimento e morte. Por meio de narrativas, personagens e imaginação, a literatura nos ensina sobre alteridade, resiliência, e a complexidade da condição humana, fortalecendo nossa capacidade de lidar com desafios futuros.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *Infância e História*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2005.
- BARTHES, R. A morte do autor. In: BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BATISTELA C. Abordagens contemporâneas do conceito de saúde. In: FONSECA AF, CORBO AD, (orgs). *O território e o processo saúde-doença*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; 2007, p. 51-86.

BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: *Obras Escolhidas I*. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, W. O Narrador: Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov. In: *Obras escolhidas I*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. SP: Cultrix, 1990.

BRASIL. Diário Oficial da União. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e outras providências*. Ministério da Educação - Resolução CNE/CES nº 3, de 20 de junho de 2014, Brasília, DF; 23 jun 2014. Seção 1, p. 8-11. Disponível em: [https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/pnsp/legislacao/resolucoes/rces003\\_14.pdf/view](https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/pnsp/legislacao/resolucoes/rces003_14.pdf/view) Acesso em 13 set 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BIBLIOTECA DIGITAL e BANCO DE DADOS DE HISTÓRIA LITERÁRIA – NUPILL, 2024.

Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br>. Acesso em 20 de out 2024

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Todavia, 2023.

CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Todavia, 2023.

CARELLI, F. *Pode o subalterno pensar*: Literatura, narrativa e saúde. São Paulo: Ed. Moderna, 2020.

CARELLI, F. et al. Hidra de duas cabeças – configuração ricoeuriana e narrador impuro no diálogo médico-paciente: estudo de caso. In: FERREIRA, E. A (org.). *Corporalidades e afetos: ensaios sobre humanidades médicas*. Recife: Núcleo de Estudos de Literatura e Intersemiose, 2014. p. 83-112.

DENHAM, A. Empathy & Literature. *Emotion Review*. Vol. 16, No. 2, April 2024, P. 84–95. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/17540739241233601>. Acesso em 02.out.2024.

DJIKIC ET AL. Reading Other Minds: Effects of Literature on Empathy. In. *Scientific Study of Literature*, June, 2013, 3 (1). p.28-47  
Disponível em: <https://www-2.rotman.utoronto.ca/facbios/file/Djikic%20et%20al..pdf>. Acesso em 03out.2024.

DUARTE, C. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. *Literafro*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/47-constancia-lima-duarte-genero-e-violencia-na-literatura-afro-brasileira>. Acesso em 20 ago2024.

EAGLETON, T. *Como ler literatura*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2020.

EVARISTO, C. *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira.*

Biblioteca Virtual.

Disponível em: <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evaris.rtf>.

Acesso em 20 ago 2024.

GALLIAN, D. *A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma.* São Paulo: Martins Claret, 2017.

GOMES R, DESLANDES SF. Interdisciplinaridade na saúde pública: um campo em construção. *Rev Latino-Am Enfermagem.* 1994 Jul; 2(2):103–14. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-11691994000200008>.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessário à Prática Educativa.* São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos avançados*, v. 15, p. 259-268, 2001a

FRIGOTTO G. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: JANTSCH AP, BIANCHETTI L, (org) *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito.* Petrópolis: Vozes; 2011. p. 25-50.

HEIDEGGER, M. *Sobre o humanismo.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.* Rio de Janeiro: Ed.Cobogó, 2019.

LÉVINAS, E. O tempo e o outro. *Revista Phainomenon.* nº 11, 2005, p. 149-190.

MANN, T. *A Montanha Mágica.* SP: Companhia das Letras, 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Humaniza SUS: Política Nacional de Humanização.* Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2011 Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno\\_textos\\_cartilhas\\_politica\\_humanizacao.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_textos_cartilhas_politica_humanizacao.pdf) Acesso em 13 ago 2024.

MIGNOLO, W. El pensamiento Decolonial: desprendimiento y apertura. In: S. CASTRO-GÓMEZ; R. GROSFOGUEL (orgs.). *El giro descolonial: reflexiones para una diversidade epistémica más allá del capitalismo global.* Bogotá, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 25-46.

ORTEGA Y GASSET, J. *A desumanização da arte.* São Paulo: Cortez; 2005.

PASCHE DF. Humanizar a formação para humanizar o SUS. In: Ministério da Saúde. *Caderno Humaniza SUS.* 2010; 1:63-71. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos\\_humanizaSUS.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizaSUS.pdf) Acesso em: 13 jul 2024.

PEDUZZI M, NORMAN IJ, GERMANI ACCG, SILVA JAM, SOUZA GC. Educação interprofissional: formação de profissionais de saúde para o trabalho em equipe com foco nos usuários. *Rev Esc Enferm USP.* 2013;47(4):977-83.

- RAYMOND, M. The Neural Bases of Social Cognition and Story Comprehension. In: *The Annual Review of Psychology*, 2011. Disponível em: [https://www.yorku.ca/mar/Mar%202011\\_ARP\\_neural%20bases%20of%20soc%20cog%20and%20story%20comp.pdf](https://www.yorku.ca/mar/Mar%202011_ARP_neural%20bases%20of%20soc%20cog%20and%20story%20comp.pdf) Acesso em 15.set.2024
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- RICOEUR, P. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papirus, 1990.
- ROSA, G. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- RUFFATO, L. *25 mulheres que estão fazendo a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SONTAG, S. *A doença como metáfora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SCLIAR, M. *Medicina e Literatura*. MG: Faculdade de Medicina da UFMG. 2004.
- SARTRE, J.P. *O ser e o nada*. Ed. São Paulo: Vozes, 2008.
- SARTRE, J.P. *Que é a literatura?* Petrópolis: Vozes, 2019.
- SIMON LACEY, RANDALL STILLA, K. SATHIAN, Metaphorically feeling: Comprehending textural metaphors activates somatosensory córtex. In. *Brain and Language*, Volume 120, Issue 3, 2012, Pages 416-421. Disponível em: <https://open.library.emory.edu/publications/emory:v19xk/> Acesso em 15.out.2024
- TCHÉKHOV, A. *Sem Trama e sem Final: 99 Conselhos de Escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- WOOLF, V. *Sobre estar doente*. São Paulo: Ed. Nós, 2021.

Recebido em novembro de 2024.

Aprovado em julho de 2025.